

BOLETIM
MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA

04



BOLETIM
MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA

| 04



Reitora
Profª Drª Nádina Aparecida Moreno

Vice - Reitora
Profª Drª Berenice Quinzani Jordão

Diretora do Museu
Profª Drª Angelita Marques Visalli

Coordenação Geral
Profª Drª Regina Célia Alegro

Editores
Profª Drª Angelita Marques Visalli
Profª Drª Regina Célia Alegro
Rosângela Ricieri Haddad

Foto capa e contra capa
Amauri Ramos da Silva

Revisão de texto
Projeto Disque-Gramática/UUEL

Comissão Executiva
Aurea Keiko Yamane
Barbara Daher Belinati
Célia Rodrigues de Oliveira
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Projeto Gráfico e Editoração
Elder Gustavo Abe
Glaubher V. de A. Pessusqui
(Pictolab Design)

Selo 40 anos da UEL
Elder Gustavo Abe

Impressão
Midiograf
Fonte: Garamond e Bodoni

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina.
Museu Histórico de Londrina. – Londrina-Pr : Universidade Estadual de
Londrina, v. 1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina – História. 3. Universidade Estadual
de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

SUMÁRIO

Apresentação

Angelita Marques Visalli..... 05

1. Projetos

- 1.1. Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná:
blogs como ferramenta de divulgação e integração..... 06
- 1.2. O Foto Clube de Londrina Sedia a
XVII Bial de Arte Fotográfica Brasileira em Cores..... 08

2. Exposições

- 2.1. A Exposição “Animais e Plantas na Memória
Histórica do Paraná”..... 09

3. Artigos

- 3.1. Memória e História: o imperativo da lembrança
Prof. Rogério Ivano..... 10
- 3.2. A Inclusão no Museu de Zoologia da Usp:
recursos educativos especiais
Márcia Fernandes Lourenço..... 14
- 3.3. Memória no Ciberespaco
Silvana Drumond Monteiro..... 19
- 3.4. Gestão Museal: implantação de museus
Gina Issberner..... 25

4. Entrevista

- 4.1. Mariana Josefa de Carvalho Almeida..... 28

5. ASAM

- 5.1. Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina..... 32

Em maio deste 2011 o Museu Histórico de Londrina integrou as atividades da 9ª Semana Nacional de Museus, cujo tema foi “Museu e Memória”. Procuramos chamar a atenção para as várias facetas do trabalho de pesquisa e de campo com a memória, buscando, ainda, favorecer discussões acerca do direito de acesso e atendimento de pessoas com necessidades especiais em museus. As palestras, mesas-redondas, exposições, cursos e oficinas, voltadas para alunos universitários e profissionais da área, levantaram discussões que, em parte, apresentamos nesta 4ª edição do Boletim do Museu Histórico. Entre as palestras e mesa, apresentamos os textos de Rogério Ivano e Silvana Drumond Monteiro, o primeiro com uma abordagem teórica acerca da memória; o segundo com uma perspectiva instigante a partir do armazenamento da informação. Um texto de Márcia Fernandes Lourenço sobre as ações educativas no Museu da Zoologia da USP, dissemina as ações e recursos envolvidos no atendimento aos portadores de necessidades especiais.

A mostra “Plantas e animais na memória histórica do Paraná”, organizada pelos professores Ana Odete Santos Vieira e Oscar Akio Shibatta, respectivamente do Herbário e do Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Londrina, além de apresentar ao público um tema de interesse para a região, desenvolveu um trabalho de capacitação de alunos do curso de Ciências Biológicas, de docentes e técnicos que incluiu um circuito tátil.

Vários projetos desenvolvidos por professores e alunos de escolas da rede de ensino da região, acerca da memória de trabalhadores, foram apresentados no primeiro dia da semana. Esses projetos fazem parte do Projeto Contação de História do Norte do Paraná, sob coordenação da Profª Drª Regina Célia Alegro, projeto esse que tem se notabilizado pelos resultados extremamente profícuos que redundam em pesquisas consistentes, publicações e capacitação de alunos.

Neste mesmo primeiro semestre de 2011, o Museu recebeu a XVII Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Cores, realizada pelo Foto Clube de Londrina. A exposição, um reflexo da produção fotográfica de mais alto nível, contou com uma homenagem ao fotógrafo José Juliani (1896-1976), cujas imagens registraram o desenvolvimento da cidade desde seus primeiros anos.

Foram as fotografias de José Juliani as que compuseram o segundo catálogo da Coleção Londrina Documenta. A publicação do catálogo com a coleção fotográfica J. Juliani, além de permitir a disseminação de acervo do Museu, objetivo primeiro da coleção, coloca à disposição de apreciadores da fotografia uma das principais referências imagéticas da cidade.

Profª Drª Angelita Marques Visalli
Diretora do Museu Histórico de Londrina

1. PROJETOS

1.1. PROJETO CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS DO NORTE DO PARANÁ:

blogs como ferramenta de divulgação e integração

*Laura Caroline de Almeida**

Com a missão de valorizar a formação de um registro de memória local, o projeto “*Contação de Histórias do Norte do Paraná*” atua – em parceria com o *Museu Histórico de Londrina* – com professores e alunos, reunindo fragmentos de memória pela exploração de fontes diversas e priorizando as lembranças dos trabalhadores da região.

Visando subsidiar professores e alunos para desenvolverem os próprios projetos de estudos em suas escolas, o *Contação* oferece, além do acompanhamento presencial mensal, oficinas que buscam prepará-los para o contato com diversos tipos de fontes.

Ao todo são cinco oficinas: entrevista, fotografia, mapas, contação de histórias e montagem de blogs, todas ministradas por estagiários que integram o projeto.

A oficina de Blogs foi criada com dois propósitos básicos: oferecer aos alunos um espaço para que divulguem os resultados das suas pesquisas e também como um canal de intercâmbio entre os trabalhos das diversas escolas.

A oficina foi pensada para ter dois momentos. Primeiro, faz-se uma discussão sobre a responsabilidade das publicações, já que estas carregam não apenas seu nome, mas também o da escola. Outros pontos também são muito ressaltados como o cuidado com a gramática, com a linguagem utilizada e com a qualidade das postagens nos blogs.

Procura-se deixar bem claro como eles podem utilizar aquele espaço virtual como forma de complementar o projeto e suas pesquisas. Afinal, o blog serve para que eles possam, além de divulgar o seu próprio trabalho, também ter contato com as outras pesquisas do projeto.

Um recurso característico dos blogs é a possibilidade de interação do visitante, respondendo ou opinando em relação aos artigos

*- Bolsista Universidade Sem Fronteiras.

postados. Ampliam-se assim, as possibilidades de um diálogo com outras formas de saber entre os diferentes projetos. Os blogs podem ajudar a construir redes sociais, redes de saberes ou mesmo comunidades de aprendizagem.

Esses diários eletrônicos são uma ferramenta diferente, com potencial para reinventar o trabalho pedagógico. São estratégias que visam dar a palavra aos estudantes e desenvolver a sua criatividade, além de terem o apelo tecnológico tão valorizado pela geração atual.

Nesse sentido, torna-se fundamental que os alunos publiquem os materiais que julgarem mais interessantes, não apenas ao seu próprio projeto, mas também aos demais. Os blogs aqui assumem todo um caráter de colaboração!

Já a segunda parte da oficina, totalmente prática, os alunos aprendem todo o necessário para criar um blog, fazer sua manutenção, postar vídeos, fotos, texto e conectá-los com os outros blogs. Para viabilizar esta parte, utilizamos os laboratórios de informática, gentilmente cedidos pelas escolas.

Para praticar, cada aluno executa sua primeira postagem já no momento da oficina, para que qualquer dúvida possa ser sanada de imediato. Ao final os ministrantes, junto com os alunos, criam o blog da escola e coletivamente já escolhem o nome do blog, seu layout e etc. Neste momento, escolhemos um ou dois alunos para ficarem como responsáveis principais pelo blog, cuidando de senhas, da qualidade de postagens e agindo também como ponte entre o blog, os demais alunos e o professor responsável.

Alguns com maior facilidade, outros com um pouco mais de dúvidas, mas todos os alunos acabam demonstrando um grande interesse pela temática da oficina, animados pela possibilidade do uso da tecnologia no ambiente escolar. A criatividade desta geração na hora de realizar as postagens também é admirável e podemos observar um grande empenho na qualidade do material produzido. Nossa recepção é sempre muito empolgada e a resposta ao conteúdo apresentado acaba sendo muito produtiva.

Para complementar a idéia original dos blogs foi criado um site do Projeto *Contação*, no qual cada professor pode cadastrar seu blog e de seus alunos. Dessa forma, conseguimos concretizar definitivamente nossa proposta inicial de intercâmbio de idéias, experiências e acima de tudo, de conhecimento.

1.2. O FOTO CLUBE DE LONDRINA SEDIA A XVII BIENAL DE ARTE FOTOGRÁFICA BRASILEIRA EM CORES

*Mário Jorge de Oliveira Tavares**

A história do Foto Clube de Londrina começou no dia 22 de maio de 1971 e neste mês completa 40 anos de atividades ininterruptas. Para comemorar essa marca o Clube, pleiteou e obteve da Confederação Brasileira de Fotografia (Confoto), a aprovação para organizar a XVII Bienal de Arte Fotográfica Brasileira em Cores em Londrina.

Foram recebidas 2.556 fotos de 43 fotoclubes e 730 autores, batendo todos os recordes anteriores. Uma comissão julgadora, composta de cinco fotógrafos de renome (três de SP, um do RJ e um de SC), selecionará as 150 melhores imagens.

A Bienal de Arte Fotográfica é o mais importante evento do fotoclubismo nacional, sendo que as bienais em cores são realizadas nos anos ímpares, e as em preto e branco, nos anos pares. A Confoto foi criada em 1958, tendo filiados 80 fotoclubes de todo o país, envolvendo cerca de 3 mil associados. Já realizou 43 bienais, das quais 26 em preto e branco (a 1ª em 1960 Campinas e a 26ª em Caxias do Sul) e 17 em cores (a 1ª em 1979 em Volta Redonda – RJ e a 17ª em 2011 em Londrina). A Confoto representa o Brasil na Fédération Internationale de l'Art Photographique, criada em 1950 tendo sede atual em Paris, congregando 82 países.

O Foto Clube de Londrina, realizou com esta, 4 Bienais Brasileiras (1980, 1991 e 1996) e 17 salões nacionais, além de inúmeras exposições individuais e coletivas, participando de concursos internacionais, nacionais e internos, possuindo atualmente mais de 60 membros-associados efetivos e outros tantos eventuais.

A abertura, premiação e exposição, ocorreu no dia 21 de maio no Museu Histórico de Londrina, ficando tais fotos expostas, até o dia 3 de julho. Do dia 7 de julho a 30 do referido mês, ficarão expostas as 20 fotos mais pontuadas, no Museu de Arte de Londrina. O projeto da Bienal, assim como do livro “Cliques e Escritos – Foto Clube de Londrina – 40 anos” (lançado em janeiro de 2011), contaram com o patrocínio do Programa Municipal de Incentivo a Cultura (PROMIC).

*- Pres. Foto Clube de Londrina.

2. EXPOSIÇÕES

2.1. A EXPOSIÇÃO “ANIMAIS E PLANTAS NA MEMÓRIA HISTÓRICA DO PARANÁ”

Ana Odete Santos Vieira¹ e Oscar Akio Shibatta²

O Estado do Paraná contém duas formações importantes no interior do Estado, que são as Florestas Ombrófila Mista (FOM), ou floresta de Araucária, e a Estacional Semidecidual (FES). Durante a colonização do Estado, várias espécies de animais sofreram com a caça e plantas destas florestas foram exploradas comercialmente, como a araucária, o chá-mate, a peroba e o palmito. A ausência de planos de manejo e a diminuição de áreas de florestas para o estabelecimento de cidades e cultivos ocasionaram a diminuição de populações, contribuindo para que várias espécies entrassem em risco de extinção. Estudos indicam que uma diminuição na dimensão das áreas florestadas e na qualidade destas pode afetar negativamente populações de animais e plantas e o grau de isolamento entre os fragmentos poderia explicar uma diminuição na riqueza de espécies. A vegetação nativa do estado ocupa, atualmente, apenas 2% da área anteriormente coberta pelas florestas. A colonização trouxe migrantes de outros estados do Brasil e de outros países cuja história se confunde com os diferentes ciclos econômicos do Paraná, tais como o de exploração das madeiras e os cultivos de café, algodão, soja, e milho. O Herbário e o Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Londrina trazem como tema para esta exposição, as espécies animais e vegetais das florestas naturais do Estado do Paraná e alguns dos principais cultivos que substituíram estas florestas. O objetivo é iniciar a capacitação dos licenciandos em Ciências Biológicas, de docentes e técnicos, nas atividades da taxonomia animal e vegetal, estudos sobre biodiversidade, ações educativas em museus, como na organização e monitoria de exposições, incluindo exposições táteis para pessoas com Necessidades Educacionais Especiais (UEL projeto 12819 / 2009).

1- Curadora do Herbário da Universidade Estadual de Londrina

2- Curador do Museu de Zoologia da Universidade Estadual de Londrina

3. ARTIGOS

3.1. MEMÓRIA E HISTÓRIA: o imperativo da lembrança

Prof. Rogério Ivano*

Resumo:

A memória hoje esta hipertrofiada. Monumentos, museus, filmes, instituições e obras de arte são fontes e formas de perpetuação do memorável; mas também os processos judiciais, as enquetes psicológicas, os documentários, autobiografias e programas computacionais fomentam as bases sociais da memória, individual e coletiva. Este movimento pode ser compreendido como resultado da atrofia do passado e do futuro diante de um presente onipresente, que acelera o tempo e apaga as lembranças.

Palavras-chave: Memória; História; Tempo presente.

*- Departamento de História - UEL.

Na elaboração da memória contemporânea, o historiador não é o ator principal que joga com o passado. Jornalistas, legisladores, juristas, publicitários, políticos, cineastas, porta-vozes de grupos sociais variados, testemunhas e vítimas protagonizam a formação das narrativas da memória, que por sua vez não tem apenas nos livros e monumentos seu lugar privilegiado; hoje, distintos sujeitos históricos fazem dos periódicos, das tribunas, dos parlamentos, da tela de cinema, dos sítios da internet o palco das lembranças pessoais e coletivas. Pressionados por esse “dever de memória”, historiadores reagiram de modo extremo à voracidade do esquecimento e manipulação das lembranças, ora reafirmando suas desconfiças em relação à capacidade da memória em assegurar a verdade - relembando sua dimensão subjetiva, ideológica e impressionista -, ora tomando esta memória como objeto mesmo de investigação histórica. Desta última reação resultaram conhecidas expressões, como os “lugares de memória”, elaborada pelo francês Pierre Nora (1993) nos anos 1970 e internacionalizada por projetos semelhantes de historiadores de diferentes origens nacionais.

No entanto, a própria emergência desses “lugares de memória” - ou seja, de uma “história em segundo grau” que compreende particularmente a história da França como uma realidade simbólica que revela a maneira como os franceses se situam diante do seu passado - resultaria deste fenômeno memorial. Mas, para além do território francês, nas últimas décadas - “décadas da museificação”, como a diz professora argentina Beatriz Sarlo (2007, p. 11) -, distintas sociedades recorreram a diferentes estratégias para assegurar o passado no presente, seja através da ampliação e difusão de museus variados, seja pelo tratamento espetacular dado ao passado por meio de parques temáticos históricos ou obras monumentais. O renascimento e o sucesso de romances históricos, o investimento em filmes e documentários, em coleções enciclopédicas, em legislações e instituições de preservação recrudescer o olhar sobre a história, fazendo-a tanto se integrar com sucesso no “mercado simbólico do capitalismo tardio”, como afirma Sarlo, quanto participar da agenda pública das políticas sociais e culturais, destinando a grupos e coletividades seus direitos à memória.

Nesse mesmo sentido, Jay Winter, professor em Cambridge, identificou um *boom* da memória nos recentes estudos culturais, chamando de “geração da memória” (*generation of memory*) seus pesquisadores e o seu público (WINTER, 2000). Winter, de modo panorâmico, vê a

emergência da memória na vida social em razão de diversas “afluências”, como a demanda por bens culturais, que busca no memorável o sentido e a realização daquilo que transcende o efêmero; a elevação do nível educacional, que torna mais complexas as operações de lembrar e esquecer; o aumento demográfico, que incrementa o consumo do memorável, da “identidade comum” que tipifica a experiência histórica contemporânea, com suas tradições inventadas, suas mestiçagens e migrações desenraizantes. Estes processos e vários outros culminariam na utópica e contraditória constituição da “recordação total”, conforme ironiza Andreas Huyssen (2000, p. 15): são restaurações, preservações, empreendimentos patrimoniais; modas retrô, antiguidades forjadas, comércio da nostalgia; sofisticadas tecnologias de registro áudio-visual, arquivos digitais, memória virtual; literatura memorialística, confessional e autobiográfica; canais de TV, revistas especializadas, cursos e programas acadêmicos. Esta “cultura da memória” não resulta apenas das transformações na percepção do tempo nem na sagacidade da indústria cultural.

A análise deste fenômeno memorial dramatiza a reflexão crítica feita por alguns observadores. De maneira ácida, o historiador francês François Hartog assevera que estamos a um passo de preparar “o museu de amanhã e reunir os arquivos de hoje como se já fosse ontem” (HARTOG, 2006). Hartog ainda diz: vivemos hoje numa encruzilhada “entre a amnésia e a vontade de nada esquecer”. A formulação dessa condição contemporânea da memória atesta a tese do historiador de que ocorre atualmente uma modificação do que ele denomina “regime de historicidade”, isto é, as diferentes maneiras de articulação das categorias do tempo construídas pelas culturas sociais em determinados períodos históricos. Segundo o historiador, ocorre atualmente a modificação da ênfase no futuro, daquele modelo de desenvolvimento histórico fundado nas premissas modernas de progresso e ciência do século XIX, para uma ênfase no presente, na onipresença do presente na categorização do tempo. A consequência disso seria a constituição de uma experiência histórica chamada “presentismo”, onde passado e futuro são comprimidos e descartados pelo tempo presente. Entre os muitos resultados dessa mudança de regime estaria uma nova condição para a memória social, que ameaçada pela amnésia e voracidade do presente, tudo faria para reter e conservar as lembranças do passado,

antecipando mesmo o futuro da memória. É esta experiência do tempo histórico que o historiador alemão Reinhart Koselleck chamou de “futuro passado” (2006).

Entre os muitos indícios e fenômenos, a queda do Muro de Berlim surge no horizonte contemporâneo como marco fundador desse novo regime de tempo e, portanto, de memória (HUYSSSEN, 2000). O fim de um mundo comunista, a universalização da individualidade e a globalização das coletividades para a uniformidade mercantil fizeram diferentes grupos sociais reagirem a este novo tempo saturado do presente, como analisado por Hartog. Fronteiras nacionais e identidades pessoais passaram a ser modificadas, transpostas, ampliadas ou abandonadas, isto é, passaram a ser escritas ou reescritas na formulação de sentidos, antigos ou novos, de orientação do tempo e da passagem da experiência. Assim, a par da oficialidade de uma história orientada cientificamente e em acordo com a “verdade”, inúmeras histórias emergiram daquelas lembranças não documentadas, inundando os espaços de história e memória com dimensões do passado desconhecidas, soterradas, escondidas, revistas, reencontradas, com suas recordações, seus esquecimentos, traumas e experiências.

BIBLIOGRAFIA

- HARTOG, François. Tempo e patrimônio. *Varia Historia*, Belo Horizonte, vol. 22, n. 36, p.261-273, Jul/Dez, 2006.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-Rio, 2006.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez., 1993.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- WINTER, JAY. The Generation of Memory: Reflections on the ‘Memory Boom’ in Contemporary Historical Studies. *Bulletin of the German Historical Institute*, Washington/DC, n. 27, 2000.

3.2. A INCLUSÃO NO MUSEU DE ZOOLOGIA DA USP: recursos educativos especiais

Márcia Fernandes Lourenço*

Resumo:

O Serviço de Atividades Educativas do Museu de Zoologia da USP tem como objetivo desenvolver a ação educativa através de programas voltados para a pré-escola, ensino fundamental, médio e de 3º grau, profissionais do ensino e comunidade em geral. A partir da análise dos dados de visitação de pessoas com necessidades especiais desde 2006, desenvolvemos materiais, ações, treinamentos e metodologias para o atendimento do público com deficiência visual e intelectual.

Palavras-chave: Museu; Deficientes; Recursos didáticos; Serviço educativo

*- Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Introdução

O Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) abriga o maior acervo mundial da fauna da Região Neotropical. As coleções são a base para a pesquisa zoológica nas áreas de sistemática, ecologia, evolução e conservação da fauna. A aquisição, curadoria, conservação, estudo e divulgação das coleções são as principais atividades do MZUSP. A fim de chamar atenção do público para o papel destas coleções e dos conhecimentos produzidos através do seu estudo, o MZUSP desenvolve atividades educativas abrangendo todos os níveis de ensino, desde crianças da educação infantil até estudantes universitários.

Serviço de Atividades Educativas

O Serviço de Atividades Educativas tem como objetivo desenvolver a ação educativa através de programas voltados para a pré-escola, ensino fundamental, médio e de 3º grau, profissionais do ensino e comunidade em geral.

Para atender o público visitante, este serviço possui um programa de atividades que foi construído baseado nos conceitos da educação patrimonial, das teorias sócio-contrutivistas e de curadoria moderna.

Programas Educativos do MZUSP

- Atendimento ao Professor e Escolas
- Visitas Orientadas
- Material Zoológico para Empréstimo a Professores
- Recursos didáticos para públicos com necessidades especiais
- Oficinas Pedagógicas
- Fim de semana com Zoologia
- Cursos de Formação
- Ciclo de Palestras

Recursos didáticos para públicos com necessidades especiais

Com a crescente expansão das exposições e o consequente aumento da divulgação nas mídias, o MZUSP tem atraído público com necessidades especiais. Um segmento importante desse público é o de deficientes visuais, baixa visão e com dificuldades intelectuais. O atendimento a este público vem aumentando como mostra a tabela abaixo:

Ano	Deficientes visuais e de baixa visão	Dificuldades intelectuais
2006	45	10
2007	83	32
2008	90	38
2009	120	45
2010	130	60
2011	10	15

A partir da análise desses dados, percebemos o aumento da demanda e a necessidade de ampliar nossa oferta de material para esse público para que possamos abordar melhor os conceitos trabalhados na exposição. Foram confeccionados com auxílio do CNPq, materiais especiais que permitem maior interação entre o público especial e as exposições do MZUSP.

- **Catálogo em braile e tinta:** O catálogo apresenta as atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidas no MZUSP, horário de funcionamento e outras informações necessárias à visita. Este material foi confeccionado numa parceria do Museu com a Fundação Dorina Nowill. Os catálogos ficam disponíveis na recepção e na biblioteca.
- **Maquetes – entorno do MZUSP, planta baixa da exposição, dioramas do cerrado e da caatinga:** O material é composto por quatro maquetes: duas dos dioramas da caatinga e cerrado, uma da planta baixa da exposição de longa duração e outro com o entorno do Museu, ele é fundamental

para possibilitar a localização espacial no entorno do MZUSP e na exposição. As maquetes dos ecossistemas permitem a compreensão das características dos ambientes, elas ficam abrigadas em dois carrinhos que são transportados para a exposição durante o atendimento

- **Modelos em tamanho natural de bugio e colhereiro:** Foram confeccionados dois modelos de animais presentes na exposição: bugio e colhereiro que permitem que o visitante tenha noção de proporcionalidade em relação às maquetes e aos dioramas
- **Áudio-guia:** O áudio-guia apresenta explicações sucintas sobre os módulos e os principais conceitos de diversidade e evolução apresentados na exposição de longa duração. O material está disponível na recepção do Museu.
- **Objetos de manipulação na exposição de longa duração:** Foram instalados no percurso da exposição de longa duração, objetos que podem ser manipulados pelo visitante. Instalamos uma réplica de fóssil de dente de preguiça gigante, uma réplica de fóssil de dente de tigre-dente-de-sabre, dois modelos da estrutura interna de moluscos e quatro conchas de moluscos. Os objetos estão em frente à vitrine que trata do grupo ao qual eles pertencem e estão indicados no áudio-guia.

Avaliação e Impressões dos usuários sobre os materiais

As maquetes e os modelos foram avaliados formalmente por um grupo de avaliação de acessibilidade em Museus da Fundação Dorina Nowill. Este grupo é composto por quatro pessoas entre especialistas e deficientes visuais.

Os avaliadores observaram que os modelos e maquetes facilitam a compreensão de alguns conceitos tratados na exposição e a construção dos conhecimentos pelas pessoas com necessidades especiais. Além da preocupação tátil, os materiais privilegiam as pessoas com baixa visão nas réplicas dos dioramas fazendo uma composição em alto contraste que viabiliza a diferença entre os animais e o ambiente.

Outro detalhe observado pelos avaliadores é a presença de diferentes texturas nos animais, plantas e nos módulos da exposição. Eles reconheceram penas, pelos, patas, garras, plantas e troncos. Outra observação foi em relação à escala das maquetes que segue as orientações da ONCE (Organização Nacional de Cegos da Espanha). Uma das sugestões adotadas por nós com base nesta avaliação foi não colar as etiquetas de identificação e sim pendurá-las nos objetos para que elas não influenciem no toque do conjunto.

No ano de 2008 fizemos uma avaliação entre visitantes do Instituto Padre Chico, nove alunos cegos frequentadores do 7º ano do ensino fundamental. Em conversa informal após a visita eles observaram que o trabalho com as maquetes em conjunto com as explicações durante a visita e do professor em sala de aula auxiliam a construção de imagens sobre os ecossistemas abordados nas maquetes. Eles jogaram o “Linha do Tempo” mas acharam muito difícil, o que não ocorreu com o grupo da Fundação Dorina Nowill que testou o jogo. Antonio Carlos Grandi também avaliou o áudio-guia e concluiu que algumas das partes estavam com uma linguagem um pouco complexa para o público leigo, trocamos as palavras e ele aprovou o conteúdo. Ainda não realizamos avaliação com o público que utilizou o áudio-guia para visitar a exposição.

Considerações finais

- o público com deficiência visual que visita o MZUSP já pode contar com diversos equipamentos para compreender os conceitos tratados na exposição de longa duração.
- o Serviço Educativo do MZUSP desenvolveu estratégias e metodologias para receber e trabalhar com este público.
- os materiais disponíveis foram confeccionados com consultoria de pessoas com deficiência visual e de instituições especializadas, garantindo assim sua qualidade e a adaptabilidade.
- o Serviço Educativo estabeleceu um cronograma de vivências, oficinas, treinamentos e leituras para os monitores para um relacionamento adequado e de qualidade.

3.3. MEMORIA NO CIBERESPACO*

Silvana Drumond Monteiro**

Resumo:

Aborda, brevemente, algumas questões conceituais sobre a memória e seu campo semântico de aplicação. Relaciona a memória com as Tecnologias da Informação e Comunicação, em especial, com o ciberespaço. Apresenta, como síntese, um diagrama com as temporalidades da memória em relação às categorias: tempo, representação, espaço, preservação e esquecimento, sendo, esta última, uma característica forte na memória virtual da contemporaneidade.

Palavras-chave: *Memória; Tecnologias da Informação e Comunicação; Ciberespaço.*

*- Publicado em: MONTEIRO, Silvana Drumond. Algumas reflexões filosóficas sobre a memória. In: SILVA, Terezinha Elisabeth da (Org.). Interdisciplinaridade e transversalidade em Ciência da Informação. Recife: Néctar, 2008. p.1-40.

**-. Professora Associada do Departamento de Ciência da Informação, Universidade Estadual de Londrina. Doutora em Comunicação e Semiótica

Introdução

Na Biologia, o conceito de memória possui dois sentidos. No sentido restrito seria “[...] a capacidade que certos seres vivos têm de armazenar, no sistema nervoso, dados ou informações sobre o meio que os cerca, para assim modificar o próprio comportamento.” Já no sentido mais amplo seria toda marca deixada no mundo ou em alguns elementos deste, como “[...] traços, resíduos ou fósseis, bem como de memória genética, citoplasmática ou imunológica.” (CHAPOUTHIER, 2005, p. 9). E ainda existem as memórias artificiais criadas pelo ser humano¹.

Percebe-se duas distinções na citação supracitada: a primeira diz respeito à **memória biológica**, e também **individual**. A segunda refere-se às **memórias externas ou artificiais** e ainda outra divisão diz respeito à **memória coletiva**.

Ademais, dois atributos são utilizados à definição de memória: **conservação e recordação**. O conceito de memória abarca uma constelação de áreas e definições e quem deseja estudá-la deve fazer uma incursão teórica para enfim defini-la como objeto específico.

Na Ciência da Informação, a categoria proeminente de estudo da memória recai sobre a preservação. Essa categoria, evidentemente, é muito importante para o profissional da informação, sobretudo porque, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) têm uma relação estreita com o conceito de memória. A preservação é a garantia de guarda e recuperação da memória. O conceito adotado pelos bibliotecários evidentemente, abarca a segunda definição supracitada, ou seja, a memória midiaticizada e externada por intermédio das representações.

Com efeito, na Arquivologia, Biblioteconomia e na Museologia a memória refere-se ao conjunto das informações registradas, ou seja, aos documentos e representações, que podem ser consultados servindo de memória social ou memória de longo prazo. Essas três áreas valem-se da memória no sentido de armazenagem e preservação dos saberes (conservação), para a sua recordação por parte da sociedade.

1- Há muitas terminologias para classificar a memória, mas para efeito deste capítulo a memória biológica será equivalente à memória natural, ou ainda, interna. Já a memória artificial será empregada para denominar a memória externa ou física, por incluir as tecnologias de uma forma geral, quer seja, a materialidade das representações, embora alguns autores medievais consideravam as mnemotécnicas como memórias artificiais.

O cerne da questão, neste momento, é a relação das Tecnologias da Informação e Comunicação com a memória.

O Ciberespaço e Memória

Lévy (1993) considera as TIC como extensões da nossa memória, posto que são técnicas de auxílio à imaginação, ao raciocínio e à comunicação. Com efeito, são as memórias artificiais.

Em seu livro “As Tecnologias da Inteligência” Lévy (1993) realiza uma investigação sobre a história das formas de conhecimento e memória, com um paralelo entre essas formas e o uso das tecnologias intelectuais, a saber: a oralidade primária; a escrita; a informática.

Os avanços das tecnologias digitais prosseguem à grande velocidade e, atualmente, há uma utilização massiva dessas novas técnicas em um ambiente denominado “Ciberespaço”, que de acordo com Monteiro (2007, p.1) pode ser conceituado como uma:

[...] grande máquina abstrata, porque semiótica, mas também social, onde se realizam não somente trocas simbólicas, mas transações econômicas, comerciais, novas práticas comunicacionais, relações sociais, afetivas e, sobretudo, novos agenciamentos cognitivos. É um universo virtual, plástico, fluido, carregado de devires.

De um signo fixo, temporal e permanente, o ciberespaço torna-se o espaço de desterritorialização dos signos. Escrituras dinâmicas, imagéticas e espaciais, signos híbridos muitas vezes operados em tempo real.

Como o espaço virtual põe os signos em fluxo contínuo, é possível ir a todas as direções e, além disso, ir a nós semióticos heterogêneos, sem a hegemonia do signo significante.

A redefinição da nossa contemporaneidade passa pela própria redefinição do tempo e espaço, de modo que para Battelle (2006), o ciberespaço teria uma memória cultural digital se conseguisse criar o eixo do tempo: arquivo da Internet em tempo real com uma cópia dela para cada dia do ano e todos os anos em perpetuidade. Para que isso

aconteça, é necessário que haja o “barateamento” dos custos de armazenagem dessa memória no ciberespaço.

Não obstante, há muitos obstáculos para que a ideia do eixo do tempo se concretize, posto que as representações no ciberespaço são muito dinâmicas e, os *sites* possuem conteúdo vertical, ou seja, várias camadas de conteúdo, de modo que se torna muito difícil “congelá-los”. Entretanto, para o autor (p. 241), outros elementos também são importantes à ascensão dessa memória:

- a. ubiguidade: a integração de cada vez mais informação nos índices da WEB, para tanto é necessária a digitalização do conhecimento analógico para o Ciberespaço;
- b. busca personalizada: a aplicação de sua Web pessoal no sentido de uma resposta mais perfeita;
- c. ascensão da Web semântica: a etiquetagem de informações para facilitar a busca;
- d. busca específica de domínio: por área de conhecimento ou ramo de atividade.

A Memória Virtual: à guisa das considerações finais

Se a preservação como permanência do signo, fortemente ligada à memória escrita (de longo alcance), foi a principal categoria de apropriação ou mesmo de compreensão da memória em algumas áreas, percebe-se que há a necessidade, neste momento de emergência das mídias digitais, buscar outras categorias que expliquem sua natureza, a fim de poder repensar as velhas práticas, e quem sabe postular novas possibilidades paradigmáticas e pragmáticas para a memória.

Sendo assim, podemos pensar que, se a Ciência da Informação sempre teve como prioridade a preservação da memória, para posterior recuperação e uso, com o advento das tecnologias da Internet que possibilitaram o surgimento do ciberespaço, a preservação, como

a conhecemos, já não é possível. O ciberespaço, com seus devires e possibilidades, veio instaurar na Ciência da Informação uma categoria ainda não aceitável ou perceptível nessa área: o esquecimento.

Ribeiro (2007, p.5) lembra que o momento já impõe uma nova possibilidade de memória, diferente daquela aportada em documentos ou na oralidade, mas uma “[...] que oferece pela rede a capacidade de democratização das informações e de realização plena de um novo humanismo através das novas tecnologias da informação, da velocidade eficiente e dos bytes.” Por outro lado, reconhece que, no campo discursivo, a contemporaneidade já recebe a alcunha de “Sociedade do Esquecimento”.

Finalmente, a memória virtual no ciberespaço, de uma maneira geral, estaria mais ligada ao pensamento, a produção sógnica de múltiplas semióticas, e aos esquecimentos do que as possibilidades físicas de conservação da produção humana, até o momento, como nos registros impressos. Uma memória engendrada nela mesma, em tempo real e em contínua transformação.

Assim, para resumir as principais categorias da memória, de acordo com as suas temporalidades, concluímos este capítulo com a síntese abaixo:

Memória	Temporalidades das Tecnologias da Informação e da Comunicação		
	Memória oral	Memória escrita/ impressa	Memória digital/ virtual
Categorias	Interna/biológica	Externa/material	Externa/virtual
Representação	Escrita” interna/ imagens	Escrita temporal/ verbal	Escrita espacial/ híbrida
Espaço	Nômade/território	Sedentário/território	Desterritorializado
Tempo	Imemorial	História	Tempo real
Preservação	Mnemotécnica	Signo permanência/ registro	Esquecimento

BIBLIOGRAFIA

BATTELLE, JOHN. *A Busca: como o Google e seus competidores reinventaram os negócios e estão transformando nossas vidas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

CARELLI, Gabriela. Eles buscaram e acharam: certo e veloz, o Google torna-se o *site* de busca mais bem-sucedido da Internet. *Veja*, São Paulo, ano 35, n.16, p. 98, abr. 2002.

CHAPOUTHIER, Georges. Registros evolutivos. *Viver Mente e Cérebro: Memória*, n.2, p. 8-13, jul. 2006. Ed. Especial.

KENSKY, Rafael. Google, ele mudou a internet e a nossa vida. Agora quer ser revolucionar todo o resto. *Superinteressante*, p. 63, jun. 2004.

MONTEIRO, Silvana Drumond. O ciberespaço: o termo, a definição e o conceito. *Datagrama zero - Revista de Ciência da Informação*, v.8, n.3, jun.2007. Disponível em: <www.dgz.org.br>. Acesso em: 2 jun.2007.

RIBEIRO, Raimundo Donato do Prado. *Memória e contemporaneidade: as tecnologias da informação como construção histórica*. Disponível em: <www.comciencia.br/reportagens/memoria/13.shtml>. Acesso em: 08/03/2007.

RYDLEWSKI, Carlos. Os bilhões do Google. *Veja*, São Paulo, ano 37, n. 33, p. 148, 5 maio 2004.

3.4. GESTÃO MUSEAL: implantação de museus

Gina Issberner*

Resumo

Reconhecendo o papel estratégico dos museus para atuar em prol da diversidade cultural, entendemos a necessidade de subsidiar a reflexão de gestores, pesquisadores e demais atores do campo museal, na formulação de estratégias na gestão de museus. Nesta temática, abordamos a escolha do modelo social do museu, o ato administrativo de criação e algumas instalações.

Palavras-chave: *Museu; Patrimônio cultural; Coleções.*

É com muita satisfação que comemoramos o primeiro artigo direcionado especificamente à gestão museal como maneira de suprir as necessidades básicas de informações de algumas instituições envolvidas com a implantação de museus. Esperamos que esta seja a primeira de muitas conversas a respeito de nossas práticas museais. Ao trabalharmos com a salvaguarda do patrimônio cultural, percebemos a profunda interdependência que existe entre o patrimônio material e o patrimônio imaterial. Constituem-se pelas práticas, conhecimentos, expressões, objetos, lugares e paisagens reconhecidas pela comunidade em função de seu meio, de sua interação com a história, gerando um sentimento de identidade. Esta necessidade de reconhecimento trás como prática social de cidadania a formação de coleções ou mesmo a formação de novos museus. O modelo social escolhido para um museu determinará sua influência na comunidade, podendo apresentar-se como tradicional ou transformador.

Os museus tradicionais são caracterizados pela falta de interação e participação com a comunidade em suas atividades, como também em seu circuito expositivo, produzidos na forma de um livro. O museu transformador prioriza o envolvimento da comunidade em suas

*-Museóloga. Museu Histórico de Londrina.

atividades. O circuito expositivo deve possuir conteúdos ao alcance de todos, pensando a educação como instrumento de transformação. Com a delimitação do espaço social do museu definido, nossa primeira iniciativa para a implantação da instituição seria a emissão do Ato de Criação do Museu. No modelo de lei de criação de um museu ou na ata de constituição, no caso de museus privados, sugerimos alguns itens essenciais tais como a referência a respeito da vinculação administrativa - que providenciará instalações adequadas para o pleno funcionamento do museu, o objetivo da instituição (... preservação do patrimônio histórico e cultural do município, com a finalidade de pesquisar, divulgar e preservar a história, a arte e os costumes regionais da comunidade...); parece-nos conveniente também esclarecermos a respeito da constituição da coleção de objetos: se doados por determinada pessoa ou instituição; a menção sobre a definição da composição do quadro de funcionários; poderá ainda constar no ato de criação do museu a autorização para a aplicação de recursos necessários para a implantação, e por fim determinar que o museu passe a ser unidade de execução orçamentária. Desta maneira asseguramos ao museu um perfil de atuação.

Quanto aos museus privados, apresentam-se vinculados a empresas, clubes, fundações, sociedades ou associações. São estabelecidos em reunião de diretoria ou conselho gestor, com ata de constituição registrada no cartório de título e documentos. Os museus particulares possuem regimento interno, estatuto e CNPJ. Podem ser considerados de utilidade pública através de decreto, propiciando o apoio do setor público no desenvolvimento de suas ações.

Seria oportuno lembrar que em alguns municípios grande parte da documentação histórica e dos testemunhos materiais está ainda na própria comunidade. A proposta de utilizar nos municípios a Gincana Cultural, de maneira a ampliar a representação social das coleções através das escolas, ocasiona uma grande mobilização e o reconhecimento do patrimônio cultural da comunidade, construindo nestas ações um conjunto de significados para o estudante, que passa a ter um entendimento pessoal do espaço onde vive.

As instalações de um museu possuem características distintas. Sua organização deve contar com espaços como o setor educativo para atendimento, controle e organização dos visitantes - através da atuação de monitores que farão a mediação entre o público e a exposição. Prevendo o atendimento às escolas, seria interessante a instalação de

um guarda volumes no local. Na entrada do museu dispomos também de um livro de registro de visitantes onde constam os seguintes dados: data, nome do visitante, sexo, idade, profissão, e cidade. Este livro nos auxilia na análise do perfil da clientela. Para as atividades administrativas, a organização de um espaço para a Secretaria e Diretoria. Este setor tratará das matrículas de oficinas eventualmente oferecidas pelo museu, pedidos de equipamentos e serviços, dotações orçamentárias, folha de pessoal entre outros. As atividades específicas inerentes ao setor de Museologia incluem a entrada, pesquisa e conservação de acervo, elaboração da documentação museológica e planejamento e montagem de exposições.

A Reserva Técnica é outro espaço importante no museu, onde são conservados os acervos que não estão em exposição. Necessita estar instalada num ambiente monitorado quanto a índices de temperatura e umidade relativa para evitar proliferação de fungos ou fadiga material do acervo, sem incidência de luz solar, poluentes e poeira. É um local com acesso restrito a funcionários e próxima à exposição, evitando assim, danos no transporte das obras.

Os locais expositivos devem ser amplos e de fácil circulação com mostras de longa ou curta duração. Atualmente, os museus diversificam suas atividades oferecendo outros serviços como cafeteria, lojinha, biblioteca, auditório e salas de vídeo, comportando-se como um verdadeiro polo difusor de conhecimentos de uma comunidade.

Oportunamente, detalharemos alguns temas citados no decorrer deste artigo como ações educativas, conservação, documentação museológica entre outros aspectos.

BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o estatuto dos museus e da outras providências.

BRASIL. MINISTERIO DA CULTURA. IPHAN. Política nacional de museus: memória e cidadania. [Brasília] : o Ministério, 2003. 37p.

4. ENTREVISTA

4.1. MARIANA JOSEFA DE CARVALHO ALMEIDA

A professora Mariana Josefa de Carvalho Almeida, (★31/12/1939 †10/03/2008), filha de Odilon Borges de Carvalho, Prefeito interino de Londrina em 1946, e Estanilda Maniak.

Mariana estudou na escola particular da Prof^a Mercedes C. Martins, Colégio Mãe de Deus, Colégio Londrinense. Coursou pedagogia e história. Lecionou no ensino básico e na Universidade Estadual de Londrina.

Casou-se, em 1957, com Rubens Oldenburg de Almeida e teve 4 filhos, Miriam, Rodrigo, Rogério e Rafael.



Álbum da família Almeida

Trechos da Entrevista

“[...]”

Aluna: Como era Londrina no princípio?

Mariana: Bem, lá no início mesmo eu não tenho lembrança. Mas, quando eu era bem pequena, eu lembro, eh, que as ruas não eram calçadas eu lembro que eles davam o nem de “cucuruto”. “Cucuruto” eram os montinhos de terra que existiam nas calçadas que a gente gostava de ir pulando em cima [...]”

“[...]”

Aluno: Quando seu pai era prefeito, o que ele fez por Londrina?

Mariana:No colégio São Paulo, é..., ele colocou os feirantes que existia as feiras nos domingos, nas quintas feiras mas não existia, como nós temos hoje, o mercado municipal. Não existia mercado municipal então o que ele fez foi o seguinte, forma construídas assim, tipo dumas casinhas cobertas ali naquele espaço. E os feirantes então ficavam registrados na prefeitura e tinham um local adequado para oferecer seus produtos [...]”

“[...]”

Aluno: Londrina sempre teve o nome de Londrina?

Mariana: ...Bom eu acredito que antes ele era chamado de Três Bocas, né, Jorge?

Carnev: É..., gostaria de explicar o seguinte, Três Bocas não é por causa da boca da gente não. É que esse rio.... digamos assim, terceiro rio para quem vai aqui pro sul, pra quem vai pro lado de Tamarana. O primeiro é o Cambezinho, depois tem o Cafezal, depois o seguinte chama-se Três Bocas. E... quando essa terra foi comprada pela Companhia ia, então, o limite das terras da Companhia, até o Rio em Três Bocas. E era chamado Três Bocas que dizer, começavam com três nascentes. E... antes, ao darem o nome, usavam o nome do Rio, então, Patrimônio da Gleba, das terras, situadas na região de Três Bocas. Só depois é que foi dado o nome de Londrina [...]”

“[...]

Aluno: Quais eram as brincadeiras de infância?

Mariana: Eram muito agradáveis. É... muitas vocês acham que ainda brincam. Vocês ainda brincam de pique? De esconde-esconde? De passa-anel? Não? Nós nos reuníamos de tardezinha. E nessa época eu morava naquela chácara que eu falei pra vocês, lá perto do Vicente Rijo. Nós nos reuníamos e fazíamos essas brincadeiras de esconde-esconde, de pique, de passa-anel. Tinha uma porteira também ... e a gente se pendurava na porteira e ficava ouvindo ranger, pra lá e pra cá. A gente contava também muita história de assombração. Depois tinham outras brincadeiras, também quando era época das festas juninas, de adivinhações. [...]”

“[...]

Aluno: Antes, aqui em Londrina tinha jogador de futebol igual a hoje tem?

Mariana: Olha inclusive, teve um jogador de futebol que saiu de Londrina, que ficou famoso, filho de um professor nosso, lá do Colégio Londrinense. O professor Jorge tá mais a parte disso do que eu.”

Cernev: Olha o primeiro time de futebol, aliás, os dois primeiros times de futebol aqui pertenciam aos trabalhadores da companhia ferroviária. Então um deles tinha o nome de “Pá”. Aqueles que trabalhavam nas pás, levando terra pedras e tal, e... o outro lá dos “Dormentes”, né? Então havia as duas primeiras equipes em um dos engenheiros da companhia Ferroviária, (talvez Dymont) dizem que era cracão da época, né? Londrina teve depois muitos outros jogadores, teve jogadores que estiveram no Campeonato Nacional, tivemos o Osvaldo Caldarelli que foi o goleiro lá da “Portuguesa”, [...]”

“[...]

Aluno: Como eram os fogões antigamente?

Mariana: Tinha dois tipos de fogão. Um, era o que nós dávamos o nome de “fogão de rabo”. Era um fogão feito de tijolos, e a gente colocava uma lenha grande, não era cortadinho não, colocava uma tora de lenha lá, esse era ótimo, porque ele ficava queimando o dia inteiro... E o outro fogão, era um fogão chamado de “fogão econômico”... bonitinho, esmaltado, ... tinha que picar a lenha, ... pra botar ali dentro. E eu tenho um episódio, falando em fogão, muito divertido, pra contar pra vocês. Logo que eu casei, quem fazia fogo pra mim, era um cunhado meu... E numa ocasião ele não estava em casa e eu via que ele pegava querosene, punha na madeira, e acendia o fogo. E eu fui pegar aquele galão de querosene, mas eu me confundi, em vez de pega o galão de querosene, eu peguei o galão de gasolina. Botei fogo lá naquela madeira ... Em cima do fogão tinha uma chapa, tudo de rodinha, assim, eu só sei que aquilo explodiu, as rodinhas voaram pra tudo que é canto [...]”

ALMEIDA, Mariana J. de Carvalho. *Depoimento*. Londrina : 1998. Entrevista coordenada pelo Profº Jorge Cernev. Transcrição Jussara de F.ª Nogueira; Supervisão Transcrição Márcia E. T. Ramos. Fita VHS original, pertence ao acervo do Museu Histórico de Londrina. (Projeto CUCO).

5. ASAM

5.1. ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

*“O voluntariado constrói pontes nas comunidades e entre comunidades: entre os mais ricos e os mais pobres, entre os mais velhos e os mais jovens, entre governantes e governados, entre público e privado”.**

O Museu Histórico de Londrina, desde sua fundação, quando ainda estava sediado nos porões do Grupo Escolar Hugo Simas, pertence à Universidade Estadual de Londrina que provê os recursos necessários para sua manutenção, contrata seus funcionários, escolhe seus diretores, define seus caminhos. O Museu é, portanto, uma instituição pública.

Por outro lado, o arcabouço de suas instalações, hoje sediadas no prédio da antiga Estação Ferroviária, bem como seu pessoal altamente qualificado, que tem transformado o Museu em um centro de pesquisa histórica, têm a missão primordial de preservar a História de Londrina. E, quando nos referimos à História de Londrina, não estamos falando apenas dos pioneiros, mas falamos também da história que cada um de nós, londrinenses por nascimento ou por adoção, escrevemos cotidianamente. Falamos, portanto, de nossa história. Por esse motivo sentimos que o Museu, que pertence a UEL também é nosso. Nesse sentido, pode-se dizer que o Museu é uma instituição privada.

Os voluntários da Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina – ASAM consideram ser seu dever construir a ponte a que se referia Kofi Annan, que deve unir o Museu Público ao Museu Privado, e o faz trabalhando em parceria com a Universidade, auxiliando-a, dentro de suas possibilidades, no enfrentamento das eventuais demandas do Museu.

Foi assim que UEL e ASAM deram-se as mãos quando da implementação do grande projeto de revitalização do Museu, que o transformou em modelo representativo dos princípios da moderna Museologia.

Maria Lopes Kireeff

Pres. da ASAM

Associação dos Amigos do Museu

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;
 - Título;
 - Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
 - Resumo – máximo 150 palavras;
 - Palavras-chave - até 6 palavras;
 - Texto não deve ultrapassar 5 laudas (word for windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm;
 - Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
 - Deverão ser apresentados em cd e encaminhar 2 cópias impressas fiéis ao suporte eletrônico.
2. Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.
3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.
4. Nome completo do autor(es) e constar nas referências.
5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital jpeg, no mínimo, 300 dpi de resolução, tamanho 10x15 cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto e gravadas em cd. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.
6. Contato:
 - Fone: (43) 3323-0082 / bibmuseu@uel.br

*-Kofi Annan, ex Secretário Geral da ONU.

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Direção

Profª Drª Angelita Marques Visalli

Secretaria

Secretário Executivo: Cesar Augusto de Poli

Projeto Aprendiz:

Luis Fernando Bueno dos Santos

Vanessa Ribeiro da Silva

Equipe de Apoio

Auxiliares Operacionais:

Ailton Alves Marcelino

Alex Pereira

Diva Barbosa da Silva

Neiva Lemes Albrecht Batista

Assessor Especial

Arquiteto e Design: Christian Steagall-Condé

Setor de Comunicação Social

Jornalista e Assessora de Imprensa: Barbara Daher Belinati

Setor de Ação Educativa

Profª Drª Regina Célia Alegro

Setor de Imagem e Som

Técnicas em Assuntos Universitários:

Aurea Keiko Yamane

Célia Rodrigues de Oliveira

Técnico em Multimídia: Rui Cabral

Estagiários

Camille Lima Lobo

Claudia Eliza Marques de Matos

Gisele da Silva Oliveira

Keila Fernandes Batista

Laura Caroline de Almeida

Leilane Patrícia de Lima

Letícia Cristina B do Nascimento

Mário Junior Alves Polo

Nisley Ciacareli

Vitor Rafael Alegro

Setor de Biblioteca e Documentação

Bibliotecárias:

Rosângela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Setor de Museologia

Museóloga: Gina Esther Issberner

Téc. Museologia: Ninger Ovidio Marena

Apoio Técnico: Amauri Ramos da Silva

Museu Histórico de Londrina

Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro - Londrina-Pr - CEP: 86010-350

(43) 3323-0082 - museu@uel.br



Exposição: XVII Bienal de Arte Fotográfica
Brasileira em Cores

REALIZAÇÃO



APOIO

Projetos:
Construção da memória e a preservação do patrimônio;
Contação de histórias do norte do Paraná;
PRODOCÊNCIA-UEL.

PROMOÇÃO



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA